



classica

Classica - Revista Brasileira de Estudos

Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos

Clássicos

Brasil

Vieira, Bruno V. G.

SÊNECA. Agamêmnon. Tradução, introdução, posfácio e notas José Eduardo dos Santos
Lohner. 1.^a ed. São Paulo, Globo, 2009, 253 p., ISBN 978-85-250-4663-5

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 21, núm. 1, 2008, pp. 157-159
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770887012>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

RESENHAS

SÊNECA. *Agamêmnon. Tradução, introdução, posfácio e notas*
José Eduardo dos Santos Lohner. 1.^a ed. São Paulo, Globo, 2009,
253 p., ISBN 978-85-250-4663-5.

São formas sofisticadas de metalinguagem a literatura e a filologia. Nesta situam-se o estudo e a análise do texto. Naquela se afirma a potencialidade do pensamento humano, recortado pela linguagem, de fazer da sua essência comunicativa não meramente um vetor de ideias, mas um fim artístico em que a língua se debruça sobre si mesma. Uma edição literariamente filológica é o que lemos neste exemplar do *Agamêmnon*, de Sêneca, traduzido em verso português e diligentemente comentado por José Eduardo dos Santos Lohner. Encontra-se nesta empreitada uma singular resposta a todo o investimento laboral de um filósofo que procurou nas tragédias a forma poética como vetor de seu pensamento. Cada sentença, cada jogo de palavras, cada eufonia recriada em português brinda e premia o autor latino com um reconhecimento poético que até agora lhe era devido.

As tragédias desde muito tempo foram consideradas um mero trabalho de aplicação ou de exemplificação de conteúdos filosóficos explorados pelo Sêneca prosador. E, de fato, não se pode dizer que não o sejam. Todavia, a poesia desses conteúdos é riquíssima e testemunha a expressão literária vigorosa que teve lugar no principado de Nero. A patética exuberância vocabular, a dialética corrosiva das antíteses, a fantasmagoria dos personagens colocada em cena pela exasperação dos efeitos retóricos, tudo isso fica evidenciado ao leitor pelo tratamento literário dado à tradução. E isso não é pouco.

O esforço do tradutor em assumir a forma poética portuguesa e em empenhar-se por corresponder a esse desafio é admirável. Não se trata de um poeta profissional ou, para os inatistas de plantão, de um poeta de berço. Estamos diante de um professor de latim que se esmera em propor equivalentes sonoros, prosódicos e métricos para dignificar seu texto de trabalho. Isso mais agiganta o sucesso desse empreendimento. A versificação portuguesa do Prof. Lohner faz jus ao excepcional metricista que ele demonstra ser no estudo sobre os versos senequianos (p. 240-55), certamente um dos pontos altos de seu comentário. Mostra-se acertado no tom como se pode depreender da escolha do dodecassílabo para verter os trímetros iâmbicos e da miríade de versos polimétricos portugueses para as partes corais, nas quais decassílabos – heroicos e sáficos – convivem harmoniosamente com versos de 8, 7, 6 e 4 sílabas. Se a adoção de uma forma fixa de metrificação, de saída algo bastante difícil, já mereceria louvores, o tradutor revela habilidade no manejo do compasso dos versos portugueses e em muitos momentos alcança uma

eurritmia notável, como neste andamento binário no final da primeira fala da ama eloquentíssima de Clitemnestra: “o que a razão não pode, a espera às vezes cura” (v. 130).

Em tantos outros momentos, a feliz escolha métrica aliada ao virtuoso trabalho rítmico por vezes coage o tradutor a uma seleção vocabular sabrosamente elevada, que resulta em trechos de tocante poesia como este da possessão de Cassandra:

*anhela corda murmur inclusu fremunt,
incerta nutant lumina et uersi retro
torquentur oculi, rursus immoti rigent.* (vv. 713-5)

O peito arfante freme num abafado múrmur,
o olhar balança incerto e os olhos, retroversos,
retorcem-se e, de novo, imóveis, enrijecem.

A sonoridade do texto latino é, ouso dizer, até mesmo a materialidade etimológica de seus conceitos invadem o vernáculo (*fremunt*/“freme”, *murmure*/“múrmur”, *uersi retro*/“retroversos”, *torquentur*/“retorcem-se”, *immoti*/“imóveis”, *rigent*/“enrijecem”), evidenciando a potencialidade poética da tradução como renovação e transformação da língua literária de chegada. Quando esse penhor literalizante da tradução não tem lugar, ou seja, quando o metro e a conveniência (o *usus* de que falara Cícero) conclamam por recriações e acomodações próprias do nosso idioma, tudo vem engendrado através de um atento empenho estilístico, que, não obstante manter o acuro filológico observável em toda a versão, vai além da mera tradução de sentido. Para usar o mesmo excerto acima, tomo como exemplares da perseguida fuga do prosaísmo – e da sempre enervante paráfrase – as seguintes soluções “peito arFante...num abaFado” (em aliteração com “freme”) e “o olhar Balança” (o /b/ deste último fazendo par com *aBafado*) e “de noVo” (jogando com “imôVeis”).

Além de boa literatura, o volume, como já se adiantou *in limine*, apresenta no posfácio intitulado “O *Agamémnon* de Sêneca” um trabalho filológico que em qualidade e consistência segue uma consolidada tradição de comentários dos Estudos Clássicos Brasileiros. Sobre Sêneca, em especial, destacam-se os trabalhos da Professora Zélia de Almeida Cardoso que tem divulgado com excelência a Tragédia Latina entre nós. O Prof. Lohner, tanto comentando como anotando, situa-se nessa tradição. Sua análise demonstra um profundo conhecimento da obra senequiana e das particularidades do Teatro Romano, atentando, sobretudo, para os testemunhos metaliterários legados pela Retórica Latina.

O estudo sobre o *Agamémnon* fundado nos pilares de tema, estrutura e personagens propicia uma contextualização acerca das mais relevantes questões literárias e teatrais da peça. Esse texto, como também as fartas notas à tradução, parece ter em mira não apenas o leitor especialista, mas também

aquele apreciador de literatura teatral ou de mitologia. Nesse sentido, apesar de escrito em linguagem acessível e clara, baseia-se no melhor da crítica internacional (sempre citada em seu idioma de origem e em tradução portuguesa) e esquadriinha o texto fonte com propriedade retórica, teatral e métrica.

No Posfácio, uma exceção a essa planejada extensão do discurso a leitores não especialistas é o item que trata de métrica. Não que Lohner se perca entre os termos védico-helênicos abundantes na metalinguagem sobre versificação. Muito pelo contrário, sua apresentação da terminologia é propedeutica o quanto até então se julgava impossível ser. A matéria, no entanto, é abstrusa e dificilmente poderá ser palatável ao leitor alheio à língua e à poética clássicas. Isto posto, convém ressaltar que não há aí um ponto menor, já que a explanação sobre métrica dramática apresenta ao estudante de latim e aos classicistas um material inédito em português.

Assim, sobre onde quer que recaia o nosso olhar, o livro cumpre seu dever. Seja contemplando, por um lado, as necessidades que o grande público tem de boas e comentadas traduções, seja, por outro lado, suprindo a carência de sérias edições de literatura clássica condizentes com as atuais necessidades de reflexão sobre a Antiguidade em cursos universitários em nível avançado. Esse é o trunfo deste *Agamémnon* que volta às livrarias seguro de ter se batido belamente com as musas da Literatura e da Filologia, quiçá para não morrer em mãos de uma crítica pérvida.

BRUNNO V. G. VIEIRA
brvieira@fclar.unesp.br
Universidade Estadual Paulista